

**BEM-TE-QUERO – UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA
UMA PARENTALIDADE COMPETENTE**

**BEM-TE-QUERO – A PROGRAM PROPOSAL FOR THE
PROMOTION OF PARENTAL SKILLS**

**BEM-TE-QUERO - UNA PROPUESTA DE INTERVENCIÓN PARA
LA PARENTALIDAD COMPETENTE**

Sara Pacheco Soares¹
Sara Tavares²
Joana Amen³
Suzana Nunes Caldeira⁴

Resumo

Este artigo apresenta o Programa Bem-Te-Quero, uma proposta de intervenção no âmbito da prevenção primária dirigida a pais de crianças dos zero aos dezoito meses. Resulta da experiência de profissionais da psicologia que intervêm com famílias em situação de precariedade social, conjugada com a de profissionais que trabalham com crianças em situação de risco e perigo e, ainda, profissionais do meio académico. Concetualmente o Bem-Te-Quero fundamenta-se em premissas consolidadas na literatura, sublinhando-se duas: o reconhecimento da importância da primeira infância enquanto etapa fundamental para o desenvolvimento e para que cada um se torne num adulto funcional, participativo e responsável; as intervenções centradas nas famílias e nas suas funções facilitarem a capacidade de mudança daquelas, no sentido de as tornar mais competentes, recetivas e ativas em prol dos seus membros e das dinâmicas entre eles.

Palavras-chave: Parentalidade; Competências Parentais; Educação para a Convivência Familiar; Intervenção Psicossocial.

Abstract

This paper presents the Bem-Te-Quero Program - Promotion of Parental Skills in Early Childhood, an intervention proposal to strength parenting skills of parents with children from zero to eighteen months. It results from the experience of psychology professionals who intervene with families in a situation of social precariousness, combined with professionals who work with children at risk and danger, as well as professionals from academia. In short, Bem-Te-Quero is based on established premises in the literature,

¹Licenciada em Psicologia Clínica pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa (ISPA). Psicóloga no Instituto da Segurança Social dos Açores pelo Patronato de São Miguel (PSM), Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2891-8695>. E-mail: sara.c.pacheco@gmail.com

²Mestre em Psicologia da Educação pela Universidade dos Açores (UAc). Técnica Superior de Serviço Social no Centro Social Nossa Senhora do Rosário como membro da Comissão Restrota da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Lagoa, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0038-4713>. E-mail: saraepontestavares@gmail.com

³Licenciada em Psicologia pelo Instituto Superior da Maia (ISMAI). Psicóloga no Patronato de São Miguel (PSM), Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8784-8941>. E-mail: joana.amen@gmail.com

⁴Doutora em Psicologia da Educação pela Universidade dos Açores (UAc). Docente do Departamento de Psicologia da Universidade dos Açores, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1024-6958>. E-mail: suzana.n.caldeira@uac.pt

underlining two: the recognition of the importance of early childhood as a fundamental stage for the integral development of the human being and for each one to become a functional and participative adult; interventions centered on families and their roles facilitate their ability to change, to make them more competent, receptive and active for their members.

Keywords: Parenting; Parental Skills; Education for Family Life; Psychosocial Intervention.

Resumen

Este artículo presenta el Programa Bem-Te-Quero, una propuesta de intervención en el campo de la prevención primaria dirigida a padres de niños de cero a dieciocho meses. Resulta de la articulación entre la experiencia de profesionales de psicología, que intervienen con familias en situaciones de precariedad social, con la de profesionales que trabajan con niños en riesgo y en peligro, y también profesionales del entorno académico. La base conceptual del Bem-Te-Quero se basa en dos premisas consolidadas en la literatura: el reconocimiento de la importancia de la primera infancia como una etapa fundamental para el desarrollo y para que cada uno se convierta en un adulto funcional, participativo y responsable; las intervenciones centradas en las familias y sus funciones facilitan su capacidad de cambio, con el fin de hacerlas más competentes, receptivas y activas a favor de sus miembros y la dinámica entre ellos.

Palabras clave: Educación de padres; promoción de habilidades en los padres; educación para la vida familiar; intervención psicosocial.

A importância da primeira infância

São vários os autores que apontam os primeiros anos de vida como o “*golden moment*” para o desenvolvimento da criança, referindo que é um período fulcral para a implementação de programas de educação parental com resultados efetivos na área dos cuidados psicológicos e da promoção de fatores protetores do ambiente familiar (Hickey, McGilloway, Leckey, & Stokes, 2018; Hariawan, Nurul, Muhamemad & Arifin, 2019).

Recuando apenas à primeira década do século XXI, encontra-se em Maia, Veríssimo, Santos e Shin (2008) um dos exemplos do reconhecimento da importância da primeira infância para o desenvolvimento ulterior. Estes autores especificaram que bebês a viver em ambientes saudáveis e seguros têm maior probabilidade de alcançar o seu potencial de desenvolvimento, maiores oportunidades de construção de uma representação positiva de si e melhores condições para uma exploração ativa e autónoma do meio. Em 2016, os trabalhos de Teixeira, Lôbo e Duarte constituem uma outra ilustração da relevância desta etapa da vida. Mais concretamente, estes autores abordaram as questões da influência do ambiente social da criança na primeira infância, referindo que as exigências a que ela está exposta, desde a primeira relação com a mãe à ampliação dessa relação ao núcleo familiar de parentes e amigos próximos, pode promover ou limitar de forma indelével o seu desenvolvimento saudável. De acordo

com estes autores, no período compreendido entre zero e três anos, o ambiente social, definido principalmente por uma dimensão relacional e pela estimulação proporcionada, tem fortes implicações para a capacidade adaptativa e para o desenvolvimento das habilidades necessárias para fases subsequentes do ciclo vital. Na atualidade, continua-se a considerar os primeiros 1000 dias de vida da criança como uma fase crítica para o seu desenvolvimento ulterior, como referido por Hickey, McGilloway, Leckey e Stokes (2018). Para estes autores, uma parentalidade positiva durante esse período é protetora de comportamentos de risco em etapas subsequentes do desenvolvimento, como, por exemplo, consumo de substâncias, comportamentos sexuais de risco, comportamento antissocial, parentalidade precoce e psicopatologia. Estes são exemplos, entre a vasta investigação existente, do reconhecimento da importância da primeira infância enquanto etapa fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano e para que cada um se torne um adulto funcional, participativo e responsável.

Do brevemente exposto fica também patente a importância que o contexto familiar, enquanto primeira estrutura cuidadora de uma criança, assume no desenvolvimento humano (Pratas, Eira, Ribeiro & Cordeiro, 2017). Fazendo uma apropriação das palavras de Ferreira e Vasconcelos (2015, p. 8), dir-se-ia que “a estrutura familiar representa a teia invisível que organiza o modo como os subsistemas familiares e os seus membros interagem entre si”. Porém, as profundas transformações vivenciadas pelas famílias nos últimos anos, parcialmente decorrentes das exigências colocadas por um mercado de trabalho por vezes escasso e sempre competitivo, têm interferido, em certos casos, com a qualidade da parentalidade recebida pelas crianças. Deste modo, a intervenção com famílias tem merecido um maior investimento e preocupação social e política (Craveiro & Relvas, 2016), originando uma eclosão no campo da Educação Parental, com o desenvolvimento de ações e iniciativas de natureza mais profissionalizada e centrada nas potencialidades da família. Esta intervenção precoce com as famílias, para além do benefício direto para as mesmas, com substanciais ganhos na melhoria da sua qualidade de vida, tem evidenciado uma relação positiva custo-efetividade com diminuição de custos económicos diretos e indiretos (Hickey, McGilloway, Leckey & Stokes, 2018).

A relevância das intervenções centradas nas famílias

A Educação Parental reporta-se a um conjunto de ações desenvolvidas com o intuito de prevenir o desenvolvimento de comportamentos disfuncionais através da capacitação e da modificação do comportamento dos pais e da facilitação das competências parentais (Ferreira & Vasconcelos, 2015).

Almeida (2011) refere que os programas com ações bem delineadas e assentes em objetivos claramente definidos conduzem a alterações no comportamento dos pais, com repercussões no desenvolvimento das crianças. Nunes (2013) acrescenta que os Programas de Educação Parental são percecionados como uma estratégia capaz de “produzir um bom ajustamento na idade adulta e melhorar as competências parentais bem como o ajustamento psicossocial da família” (p.22). Ideias análogas são encontradas na revisão de literatura de Schmidt, Gomes, Bossardi, Bolze, Vieira e Crepaldi (2019), onde é sublinhada a relevância das intervenções destinadas à promoção do envolvimento parental como fator promotor de saúde, desenvolvimento individual e familiar. Estes autores remetem para a importância destas intervenções enfatizarem a sensibilidade e a responsividade dos pais e a compreensão das diferenças individuais de cada criança. Pais mais sensíveis e responsivos lidam de forma mais adaptativa com as diferenças de humor dos filhos, o que produz ganhos ao nível da satisfação parental e diminui construções negativas acerca das crianças. Também em Coutinho, Seabra-Santos e Gaspar (2012) se encontra a ideia de que a Educação Parental “possibilita mudanças em torno da relação filio-parental e nos sentimentos de autoeficácia parental” (p. 411), reduzindo o risco de mau trato na infância. Importa lembrar, na esteira dos trabalhos de Sousa e Cruz (2016), que crianças maltratadas ostentam representações negativas das suas figuras parentais, associadas à punição e à rejeição, com implicações para as suas habilidades sociais; por oposição, crianças não maltratadas apresentam representações parentais associadas a uma maior habilidade social e menos problemas de comportamento. Em Novaes e Gaspar (2016) é explicitado o ganho para a própria família, quando é afirmado que intervenções sistemáticas, centradas no desenvolvimento de uma atitude parental positiva, podem determinar a construção e a manutenção de uma relação de suporte social formal que contribuirá para a vinculação

da família a este suporte. Em Melo (2011), para além de se encontrar a valorização das intervenções centradas nas famílias e nas suas funções, pela facilitação que introduzem na capacidade de mudança daquelas, encontra-se expressa a necessidade de se assegurar que as famílias possam usufruir de projetos elaborados “à sua medida”.

Regista-se, assim, um acordo generalizado entre os autores sobre a importância da intervenção centrada nas famílias. Este tipo de intervenção cria experiências de aprendizagem, promove conhecimentos para a parentalidade mais eficaz e ajuda os pais a compreender as necessidades dos filhos, o que encaminha para um maior envolvimento e participação daqueles no processo de educação das suas crianças (Bettencourt, 2017). Na prática, a Educação Parental é um recurso promotor do exercício de uma parentalidade positiva e promove a melhoria das competências de pais e filhos, nomeadamente, em situações de risco (Martins & Martins, 2017; Araneta-Merin, 2018). Em síntese, pode-se considerar que a Educação Parental proporciona recursos que permitem aos pais ter uma real noção do exercício das suas funções parentais e de estratégias que possibilitem a resolução de problemas (Marques, 2013; Araneta-Merin, 2018).

Para além disso, esse tipo de intervenções também concorre para combater algum desânimo e ceticismo que, por vezes, propende a invadir o pensamento de profissionais da área da intervenção social relativamente ao potencial humano para a mudança e para a quebra dos ciclos de pobreza intergeracionais, que se tem vindo a observar nas classes sociais mais desfavorecidas (Bem & Wagner, 2006).

O programa BEM-TE-QUERO

O BEM-TE-QUERO (BTQ) é um programa de promoção da parentalidade concebido para ser utilizado por profissionais, junto de famílias em situação de vulnerabilidade psicossocial e com filhos até aos 18 meses. Oferece atividades devidamente fundamentadas que contribuem para uma parentalidade mais competente, designadamente valorizando as relações de afetividade e a proteção das crianças, nos meses iniciais das suas vidas.

A partir de uma análise exaustiva e sistematizada dos programas de Educação Parental passíveis de serem utilizados com a população portuguesa (Abreu-Lima,

Alarcão, Almeida, Brandão, Cruz, Gaspar, & Santos, 2010), foi possível perceber a ausência de programas específicos para famílias com bebês. Deste modo, o BTQ surgiu da necessidade de encontrar respostas “à medida” (Melo, 2011) para uma situação real identificada por técnicos no âmbito da intervenção com beneficiários do Rendimento Social de Inserção (RSI, uma medida de combate à pobreza do Governo Português), junto de uma população com características específicas de exclusão social, não só por dificuldades económicas, mas também devido a constrangimentos ao nível relacional (Amen, Soares, Tavares, Caldeira & Carvalho, 2015). Partiu, portanto, de uma necessidade sentida por profissionais que procuravam estratégias de intervenção fundamentadas e de índole preventiva.

Concetualmente inspira-se no Modelo Integrativo da Parentalidade formulado por Hoghughui (2004), o qual preconiza a existência de onze dimensões da parentalidade, divididas em três categorias:

- **Pré-requisitos**, que correspondem a um conjunto de aspetos facilitadores de uma parentalidade positiva e que estão associados aos pais, tais como Conhecimento e Compreensão, Recursos, Motivação e Oportunidades;
- **Atividades Parentais**, que agrupam um conjunto de atividades internas da família com repercussões externas exercidas pelos pais, nomeadamente Cuidado Físico, Emocional e Social, Controlo e Disciplina e Desenvolvimento;
- **Áreas Funcionais**, que dizem respeito aos domínios do funcionamento das crianças, ou seja, Saúde Física, Saúde Mental, Comportamento Social e Funcionamento Educativo e Intelectual.

Em alinhamento com este modelo, no seu todo, o BTQ pode-se entender como um *Recurso*, na medida em que pretende ser um auxiliador formal do desenvolvimento das competências parentais. Trata-se de um programa de longa duração, decorrendo durante cerca de 10 semanas. Esta opção decorre dos trabalhos de Kumpfer (1999), que sugerem falta de resultados associados a intervenções curtas, acrescentando que para se fazer a diferença é necessário passar bastante tempo com as famílias. Na perspetiva do autor e seus colaboradores, um impacto positivo requer cerca de 30 a 40 horas de contacto, sobretudo quando se trabalha com famílias em risco, visto estas revelarem

mais dificuldade em manter a assiduidade e em implementar em casa os conteúdos abordados nas sessões.

As áreas temáticas do BTQ refletem o descrito na categoria *Atividades Parentais* e designam-se por: Estimulação, Cuidados e Disciplinar com Carinho. Estas áreas temáticas emergiram de um conjunto de sessões que evoluíram de um ensaio de forma mais livre para um modelo na linha da investigação-ação, em que se integraram as lógicas das práticas profissionais com as do conhecimento concetual com vista a melhorar as ações empreendidas. Este apuramento, de conteúdos e sua ordenação/distribuição temporal, foi realizado entre 2009 e 2014, através de cinco aplicações do programa a famílias beneficiárias de RSI, na ilha de São Miguel, nos Açores. No conjunto de todas as alternâncias ação-reflexão, concluíram as cinco aplicações 18 mães, 2 pais e 19 bebés. Previamente ao decurso das ações, os participantes foram informados sobre os objetivos do trabalho, os vários momentos previstos, os procedimentos de avaliação e o modo de tratamento dos dados. A forma e a finalidade da partilha e difusão da informação produzida foram igualmente esclarecidas, tendo sido obtida autorização para partilha de testemunhos e imagens que fossem sendo coletadas ao longo do tempo.

Como resultado, o BTO é composto por 20 sessões de 90 minutos cada a decorrerem numa base bissemanal. As sessões estão organizadas segundo objetivos, conteúdos e materiais necessários à sua concretização. Em cada sessão é indicado o que se pretende que os pais alcancem, são clarificadas as áreas de conteúdo a abordar relacionados com a parentalidade (estimulação, cuidados e disciplina) e explicitadas as formas de as concretizar através de diversas atividades. Algumas destas destinam-se sobretudo aos pais e outras promovem a interação entre pais e filhos, visando modelar comportamentos, treinar competências, salientar temáticas e demonstrar técnicas. Outras, ainda, incluem deliberadamente outros elementos da família. No respeitante aos materiais, é oferecido um conjunto de recursos no manual do BTQ, devidamente identificados com o número da atividade e da sessão a que pertencem. No entanto, para muitas das sessões sugere-se que os dinamizadores reúnam uma série de objetos estimulantes e lúdicos, como lenços coloridos de várias texturas, bolas de vários tamanhos, fantoches, guizos, peluches, carrinhos, jogos de encaixe, livros, etc. Estes

objetos não carecem de requisitos especiais, a sua recolha fica ao critério dos dinamizadores, visam estimular e ocupar os bebês, quando for necessária atenção dos pais para conteúdos específicos, e exemplificar determinadas atividades de interação com os bebês. Será importante que os brinquedos sejam simples e acessíveis à população-alvo, de modo a que no ambiente doméstico possa haver continuidade das atividades realizadas nas sessões. Com o mesmo objetivo, também se poderão utilizar brinquedos feitos em casa ou brinquedos reciclados, pois, como defendem Diamond e Hopson (2000), “não é necessário dinheiro para se criar um ambiente que permita o crescimento de mentes maravilhosas. Só é necessário informação, imaginação, motivação e esforço” (p.19). O ambiente em que são discutidos temas, promovidas reflexões e partilhas, e estimuladas dinâmicas de interação, com o objetivo de promover as competências parentais, é o mais informal e lúdico possível, com todos os participantes adultos sentados em círculo, em almofadas no chão, com os bebês no centro da roda.

Para a sua aplicação, o BTQ prevê a participação de dois técnicos, preferencialmente da área social ou da saúde, uma vez que a co-dinamização apresenta várias vantagens, como por exemplo, o apoio recíproco inter-dinamizador, tanto em termos de planeamento e logística da aplicação, como em termos de partilha de pensamentos e sentimentos ativados pelas sessões em grupo sem quebra de confidencialidade, como ainda para efeitos de avaliação. Para além disso, permite que os membros das famílias participantes beneficiem de dois estilos de dinamização (Grotzky, Camerer & Damiano, 2000; Matos & Machado, 2011).

Em termos de destinatários, toda a família nuclear poderá estar presente nas sessões, embora o programa esteja mais orientado para pais e bebé. O número de famílias participantes poderá oscilar entre 4 e 6, para dois dinamizadores.

No que diz respeito à avaliação, foram construídos três instrumentos: o Jogo Bem-Te-Quero, a Ficha de Avaliação Bem-Te-Quero e a Ficha de Avaliação das Capacidades Parentais. O Jogo, composto por um tabuleiro (que é capa do livro) tem 34 casas e 72 cartões com perguntas referentes aos temas tratados no programa, visa apreender se os participantes aumentaram os seus conhecimentos sobre temas do âmbito da parentalidade. Para o efeito, é jogado no início e no final do programa. Um dos

dinamizadores regista o número de respostas corretas dadas por cada participante. A Ficha de Avaliação Bem-Te-Quero é composta por três partes e é preenchida pelos participantes na última sessão. A primeira parte da Ficha averigua a satisfação dos participantes que, através de questões de resposta fechada, se pronunciam sobre aspetos relativos às aprendizagens proporcionadas, ao decurso do programa e a mudanças ou melhorias ao nível das dinâmicas familiares. A segunda parte da Ficha é composta por questões que posicionam os participantes numa escala de 1 a 10, no que diz respeito ao aumento de conhecimentos em determinadas tarefas da parentalidade e à dedicação de tempo a cada uma delas. Este tipo de levantamento é inspirado na metodologia SROI (*Social Return On Investment*), utilizada para analisar o retorno social de projetos, que procura perceber o impacto e a quantidade de mudança que se deve ao projeto. A terceira parte da Ficha, de resposta aberta, permite a indicação de tópicos do programa que os participantes gostariam de ver mais desenvolvidos ou a sugestão de outros a incluir. Por fim, a Ficha de Avaliação das Capacidades Parentais consiste numa listagem de indicadores da capacidade dos participantes adultos. O preenchimento é da responsabilidade dos dinamizadores, que pontuam cada indicador através de uma escala de Likert, no termo de cada área temática, perfazendo um total de 3 fichas por adulto no final do programa.

A prática profissional das autoras sugere que, em regra, as famílias beneficiárias de RSI apresentam alguma resistência, falta de interesse e desmotivação quando convidadas a integrar programas de educação parental, dificuldades também documentadas na investigação (Sousa, 2005; Sousa & Ribeiro, 2005; Sousa, Ribeiro e Rodrigues, 2006). No entanto, a avaliação relativa às cinco aplicações permitiu constatar que os membros das famílias participantes no BTQ afirmaram ter aumentado o nível de conhecimentos na área da parentalidade, indicaram como muito positiva a sua participação no programa e declararam ter implementado algumas práticas no seu quotidiano. Acresce que se pode observar mudanças no seu comportamento ao longo da exploração das áreas temáticas. Os participantes manifestaram, ainda, abertura para continuar a participar em novas aplicações do BTQ ou em programas análogos.

Considerações finais

Proporcionar o desenvolvimento de potencialidades e habilidades na infância que permitam ao ser humano uma capacidade adaptativa em todas as etapas do ciclo vital passa, necessariamente, por valorizar o lugar e o papel que a família ocupa no desenvolvimento dos indivíduos.

Existem contextos familiares cujas práticas de parentalidade podem comprometer o melhor desenvolvimento dos filhos, com riscos de reprodução de ciclos de pobreza relacional e desenvolvimental. Esta realidade, associada à resistência de mudança de comportamentos das populações fragilizadas, é potenciadora de desalento nos profissionais da área da intervenção social. No entanto, estes profissionais podem encontrar no BTQ uma ferramenta com uma forte componente preventiva, de aplicação fácil e gratificante, e com elevada aceitação e valorização por parte do público-alvo.

Com efeito, após as cinco aplicações experimentais do programa a famílias em situação de vulnerabilidade social, a avaliação permitiu detetar elevados níveis de satisfação das famílias durante e depois da sua participação no programa. A análise dos materiais de avaliação indicou que os participantes percecionaram ter aumentado o seu nível de conhecimentos na área da parentalidade, aplicaram alguns dos conhecimentos adquiridos no seu dia a dia e afirmaram-se disponíveis para participar em programas de educação parental semelhantes. Para estes resultados terá também contribuído o facto do BTQ ser dirigido a famílias com bebés até aos 18 meses, período da vida familiar de maior permeabilidade à abordagem de questões/dúvidas acerca da parentalidade, já que é um período de grande investimento emocional. Desta forma contornam-se algumas das dificuldades de aplicação dos programas de educação parental apontadas por Pêgo (2009) que se prendem com “falta de motivação e com a descoincidência entre a perceção do problema da entidade sinalizadora e a perceção do problema da família/cliente” (p.74).

Acredita-se que esta alteração da postura habitual poderá ter um impacto positivo a longo-prazo, facilitando a integração destes participantes em futuras intervenções na área da educação parental. Acresce que quanto mais cedo se envolverem as famílias em programas de promoção de uma parentalidade positiva, maiores serão as oportunidades de as ajudar na construção de relações saudáveis entre

pais e filhos, nomeadamente ao nível da comunicação intra e extra-familiar, da expressão e regulação das emoções, do fortalecimento do sentimento de competência parental, da otimização das redes de apoio social, do reforço da responsividade adequada às necessidades da criança e do respeito pela sua individualidade.

Referências

- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A. T., Brandão, M. T., Cruz, O., Gaspar, M. F., & Santos, M. R. (2010). *Avaliação de intervenções de educação parental: Relatório 2007-2010*. Universidade do Minho, Universidade do Porto.
- Almeida, I. C. (2011). A intervenção centrada na família e na comunidade: O hiato entre as evidências e as práticas. *Análise Psicológica*, 1 (XXIX), 5-25.
- Amen, J., Soares, S., Tavares, S., Caldeira, S. & Carvalho, C. (2015). *Bem-Te-Quero. Promoção de Competências Parentais na Primeira Infância*. Açores: Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais CICS. NOVA. UAc.
- Araneta-Merin, J. (2018). Pratical Review and Evaluation on Parenting Education. *International Journal of Evaluation and Research in Education*, 7(3), 253-258. doi:10.11591/ijere.v7.i3.
- Bem, L. A., & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconómico. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 63-71.
- Bettencourt, S. (2017). *Parentalidade Positiva. Estudo sobre a perceção da importância da participação em programas de educação parental*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Universidade da Madeira, Madeira, Portugal.
- Coutinho, I., Seabra-Santos, M. J. & Gaspar, M. F. (2012). Educação parental com famílias maltratantes: Que potencialidades? *Análise Psicológica*, 4 (XXX), 405-420.
- Craveiro, N. & Relvas, A. P. (2016). Programa de educação parental “Em Equilíbrio”: Estudo crítico-reflexivo. *PSYCHOLOGICA*, 59 (1), 55-75.
- Diamond, M., & Hopson, J. (2000). *Árvores Maravilhosas da Mente: como cuidar da inteligência, da criatividade e das emoções do seu filho do nascimento até à adolescência*. Rio de Janeiro: Campus.
- Ferreira, I. S. & Vasconcelos, C. (2015). Educação Parental e Intervenção Precoce – duas dinâmicas na redução de riscos. *Aprender- Revista da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre*, 36, 8-28.
- Grotsky, L., Camerer, C., & Damiano, L. (2000). *Group Work with sexually abused children: A practitioner's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Hariawan, R., Ulfatin, N., Huda, M., & Arifin, I. (2019). Contributions Management of Parenting and Education Program to Strengthen the Service Three Early Childhood

- Education Center. *International Education Studies*, 12(2), 100-108.
doi.org/10.5539/ies.v12n2p100
- Hickey, G., McGilloway, S., Leckey, Y., & Stokes, A. (2018). A Universal Early Parenting Education Intervention in Community-Based Primary Care Settings: Development and Installation Challenges. *Education Sciences Journal*, 8(178), Advanced on line publication. doi:10.3390/educsci8040178
- Hoghugh, M. (2004). Parenting: an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds). *Handbook of parenting: theory and research for practice*. London: Sage.
- Kumpfer, L. K. (1999). Factors and processes contributing to resilience: The resilience framework. In M. D. Glantz & J. L. Johnson (Eds.). *Resilience and development: Positive life adaptations* (pp. 179-224). New York: Academic/ Plenum.
- Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A. & Shin, N. (2008). Auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 423-433.
- Marques, A. (2013). *Parentalidade Positiva Investigação-ação. Educação Parental Crianças/jovens em risco. Dissertação de Mestrado*, Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Viseu, Portugal.
- Martins, E. C., & Martins, S. I. B. (2017). Educação parental na transição e adaptação das crianças portuguesas da pré-escola ao 1º Ciclo do Ensino Básico. *Revista de Educação da PUC-Campinas*, 22(1), 19-35.
- Matos, M., & Machado A. (2011). *Violência Doméstica: Intervenção em Grupo com Mulheres Vítimas. Manual Para Profissionais*. Porto: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Melo, A. (2011). *As forças dos profissionais e da família multidesafiada na protecção da criança. Um modelo de avaliação e intervenção familiar integrada para os CAFAP*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Novaes M. B., & Gaspar, M. F. (2016). Suporte social parental e prevenção na primeira infância em contextos de adversidade: A perspectiva de profissionais de educação de infância e saúde mental no Brasil. *Psychologica*, 59(1), 117-131.
- Nunes, S. (2013). *Estudo dos efeitos de um Programa de Formação Parental nas variáveis de risco Psicossocial de famílias com filhos em idade escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, Portugal.
- Pêgo, A. (2009). *Espaço Mudança: Um olhar sistémico sobre a intervenção na promoção de competências parentais*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Pratas, A., Eira, J., Ribeiro, E. & Cordeiro, L. (2017). A Par e Passo com a Família: A importância da Educação Parental para os técnicos que intervêm junto de famílias multidesafiadas. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 8(1), 247-259.

- Schmidt, B., Gomes, L. B., Bossardi, C. N., Bolze, S., Vieira, M. L. & Crepaldi, M. A. (2019). Envolvimento parental e temperamento de crianças: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 12(1), 75-103.
- Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L. & Ribeiro, C. (2005). Percepção das Famílias Multiproblemáticas Pobres sobre as suas competências. *Psicologia*, 19, 169-191
- Sousa, L., Ribeiro, C. & Rodrigues, S. (2006). Are Practitioners Incorporating a Strengths Focused Approach when Working with Multi-Problem Families? *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17, 53-66.
- Sousa, M. L. & Cruz, O. (2016). A Relação entre as Representações acerca das Figuras Parentais e as Competências Sociais em Crianças Maltratadas e não Maltratadas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-9.
- Teixeira, A. N., Lôbo, K. & Duarte, A. (2016) A Criança e o Ambiente Social: Aspectos Intervenientes no Processo de Desenvolvimento na Primeira Infância. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 10(31), 114-134.

Recebido: 04/11/2019

Aceito: 05/04/2020

Publicado: 25/02/2021

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.